

VÍCTOR DEL ÁRBOL

A tristeza do samurai

Tradução

Eduardo Brandão

Copyright © 2011 by Víctor del Árbol

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

La tristeza del samurái

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa

© franckreporter/ Getty Images

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Adriana Bairrada

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Árbol, Víctor del, 1968-

A tristeza do samurai / Víctor del Árbol ; tradução Eduardo Brandão. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: La tristeza del samurái

ISBN 978-85-359-2409-1

1. Ficção de suspense 2. Ficção espanhola 3. Ficção histórica
I. Título.

14-02540

CDD-863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura espanhola 863

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Mérida, 10 de dezembro de 1941

Fazia frio, e um manto de neve endurecida cobria a linha do trem. Uma neve suja, manchada de fuligem. Brandindo sua espada de madeira no ar, um menino contemplava hipnotizado o emaranhado de trilhos.

A linha se dividia em duas. Um dos ramais levava para oeste, o outro se dirigia para leste. Uma locomotiva estava parada aguardando a mudança de agulhas. Parecia desorientada, incapaz de tomar um dos dois caminhos que lhe eram oferecidos. O maquinista mostrou a cabeça pela janela estreita. Seu olhar encontrou o do menino, como se perguntasse a ele que direção tomar. Assim pensou o pequeno, que deu de ombros e apontou o caminho para oeste. Não por nada. Só porque era uma das duas opções. Porque estava ali.

Quando o chefe da estação ergueu a bandeira verde, o maquinista atirou pela janela o cigarro que estava fumando e desapareceu dentro da locomotiva. Um apito estridente espantou os

corvos que descansavam nos postes da catenária. A locomotiva pôs-se em movimento, cuspindo grumos da neve suja dos trilhos. Lentamente tomou o caminho do oeste.

O menino sorriu, convencido de que sua mão é que havia decidido o destino daquela viagem. Ele sabia, com seus dez anos, ainda sem palavras para explicar, que podia conseguir qualquer coisa a que se propusesse.

— Andrés, vamos.

Era a voz da sua mãe. Uma voz suave, cheia de matizes que só podiam ser descobertos prestando atenção. Chamava-se Isabel.

— Mamãe, quando vou ter uma espada de verdade?

— Você não precisa de espada.

— Um samurai precisa de uma catana de verdade, não de um pedaço de pau — protestou o menino, ofendido.

— O que um samurai precisa é se proteger contra o frio para não pegar uma gripe — replicou a mãe, arrumando o cachecol.

Encarapitada em sapatos de salto inverossímil, Isabel eludia os olhares e os corpos dos passageiros na plataforma da estação. Movimentava-se com a naturalidade de uma equilibrista na corda. Esquivou uma pequena poça em que boiavam duas guimbas e, com um requebro, evitou pisar num pombo agonizante que girava sobre si mesmo, cego.

Um rapaz com corte de cabelo de seminarista abriu espaço para a mãe e o filho na marquise da estação. Isabel sentou cruzando as pernas com naturalidade, sem tirar as luvas de pelica, marcando cada gesto com a suficiência sutil que alguém se impõe quando se sente observado e está acostumado à admiração.

Naquela mulher de pernas bonitas e compridas, que surgiam pela saia bem na altura do joelho, até o gesto mais corriqueiro adquiria a dimensão de uma dança perfeita e discreta.

Inclinando o quadril para a direita, ergueu o pé justo o necessário para limpar uma gota de lama que manchava a ponta do sapato.

A seu lado, apertando-se contra o corpo da mãe para reafirmar a quem ela pertencia, Andrés olhava desafiador para o resto dos passageiros que esperavam o trem, disposto a transpassar com a espada o primeiro que se aproximasse.

— Tome cuidado com isso, você vai acabar se machucando ou machucando alguém — disse Isabel. Parecia-lhe uma loucura que Guillermo estimulasse aquela estranha fantasia do filho. Andrés não era como os outros meninos da sua idade, para ele não existia diferença entre a imaginação e o mundo real, mas seu marido tinha prazer em lhe comprar todo tipo de brinquedos perigosos... Tinha até prometido lhe dar de presente uma espada de verdade! Antes de sair de casa, ela havia tentado tomar seus cartões de guerreiros, mas Andrés havia desatado a gritar como um histérico, de modo que ante o temor de que acordasse todo mundo na casa e descobrissem sua fuga precipitada, deixou que os levasse. Agora, não tirava o olho deles. Assim que pudesse se desfaria dos cartões, como pensava fazer com tudo o que tivesse a ver com o marido e sua vida anterior.

Naquela manhã do pós-guerra civil, começava o inverno do lado de fora das janelas da estação ferroviária. Os homens caminhavam cabisbaixos, tensos, com o olhar no infinito para evitar que se cruzasse com o de desconhecidos. A guerra civil havia terminado, mas era difícil se adaptar ao novo silêncio e conjugá-lo com aquele céu sem aviões ou silvos de bombas caindo como serpentinas. Nos olhos das pessoas ainda se aninhava a dúvida, mirando de esguelha para as nuvens, temendo reviver o susto das explosões, a correria para se refugiar num porão enquanto soava a sirene, emitindo breves uivos que deixavam todos arrepiados. Uns e outros se amoldavam devagar à derrota ou à vitória, a não acelerar o passo, a dormir as noites sem muitos sobressaltos. Pou-

co a pouco a poeira assentava nas ruas, as ruínas e os escombros desapareciam, mas tinha se deflagrado outra guerra surda de sirenes de polícia, de novos medos, apesar de já não soar a corneta da Rádio Nacional com o boletim bélico.

Nessa guerra depois da batalha, Isabel havia perdido tudo.

Entre os passageiros à beira dos trilhos, estendia-se com rapidez uma mancha oleosa com cheiro de piolho, chicória, cupons de racionamento, bocas desdentadas e sujeira debaixo das unhas, tingindo sua existência com cores cinzentas e mortíferas. Uns poucos, somente uns poucos, se espalhavam pelos bancos da plataforma, apartados, recebendo com os olhos fechados e a expressão confiante a suave luz do sol que atravessava a neve.

Andrés observava com desconfiança. Não se sentia parte do mundo infantil. Parecia que sempre pertencera ao círculo dos adultos. E, dentro dele, ao da sua mãe, de quem não se separava nem mesmo quando sonhava. Apertou com força a mão dela, sem compreender por que estavam naquela estação, mas intuindo que era por um motivo grave. Sua mãe estava nervosa. Ele notava seu medo sob a luva.

Irrompeu na plataforma um grupo de jovens camisas-azuis. Eram imberbes e ostentavam com orgulho, partidários que eram de José Antonio, o jugo e as flechas no peito, intimidando os outros com seus cantos e olhares guerreiros, embora a maioria deles não tivesse nem idade nem cara de ter combatido em nenhum lado daquela guerra que ainda fumegava em muitas famílias.

O rapaz que havia dado espaço para Isabel no banco mergulhou ainda mais na contemplação dos seus pés, apertando entre os joelhos a malinha amarrada com um cordão, evitando os olhares desafiadores dos falangistas.

O pequeno Andrés, ao contrário, fascinado com os trajes azuis e as botas de cano alto, saltou do banco, saudando aqueles uniformes tão familiares. Não podia perceber a atmosfera angustiante

que a presença daqueles rapazolas provocou, nem o tremor do ar entre as pessoas que se apinhavam cada vez mais perto dos trilhos. O menino vira desde sempre uniformes como aquele em sua casa. Seu pai usava um, seu irmão Fernando também. Eles eram os vencedores, dizia seu pai. Não tinham nada a temer. Nada.

No entanto, aquela gente na plataforma se comportava como um rebanho de ovelhas empurradas para o precipício pelos lobos que as rodeavam. Alguns falangistas obrigaram uns passageiros a saudar com o braço erguido e cantar “De cara para o sol”. Andrés ouvia o estribilho do hino de Juan Tellería, e seus lábios, tão adestrados ao mesmo discurso, o repetiam inconscientemente. O impulso tinha se tornado reflexo:

*Voltará a sorrir a primavera
que no céu, terra e mar se espera.
Avante, esquadras, vamos vencer
que na Espanha começa a amanhecer...*

Sua mãe, porém, cantava o “De cara para o sol” sem o entusiasmo de antes. Sua ânsia de paz, como a de tantos outros, não passava de uma ilusão.

Nesse momento ouviu-se um apito de locomotiva e todo mundo se agitou, movido por uma corrente invisível.

O trem entrou na estação, reduzindo a velocidade com o chiado vaporoso dos freios e separando as duas plataformas da estação com seu corpo metálico. Assomavam cabeças de todas as formas, com quepes, chapéus, descobertas, e dezenas e dezenas de mãos apoiadas nas janelas. Quando o chefe da estação ergueu a bandeira vermelha e o fiscal abriu a porta, os passageiros se misturaram uns aos outros com suas tralhas e suas vozes, os pais dirigindo a acomodação nos vagões estreitos, as mães puxando os filhos para não se perderem no tumulto. Por um instante, o coti-

diano, o esforço suplantou a calma intranquila de minutos antes, substituindo-a pelo suor do necessário. Em cinco minutos soaram dois apitos, luz verde, e o trem tossiu, moveu-se para a frente tomando embalo, pareceu que ia falhar no arranque, mas finalmente alcançou a inércia da marcha, deixando para trás as plataformas da estação vazias e silenciosas envoltas numa nuvem de fumaça.

Isabel não pegou esse trem. Não era o que estava esperando. Mãe e filho ficaram de mãos dadas na plataforma deserta, com a respiração condensada saindo dos lábios arroxeados, sob a luz azulada do dia detrás das nuvens brancas e compactas. O olhar de Isabel ia atrás do último vagão daquele trem, que penetrava na brancura até desaparecer.

— A senhora está bem?

A voz masculina soou bem perto. Isabel se sobressaltou. Embora o homem tivesse afastado o rosto alguns centímetros, dava para perceber seu hálito contaminado por uma cárie ou uma gengiva malsã. Era o chefe de estação.

— Estou esperando o trem das quatro — respondeu Isabel, com uma voz que parecia querer se esconder.

O homem ergueu os olhos acima da viseira do quepe e consultou as horas no relógio ovalado da parede.

— É o trem que vai para Portugal. Falta mais de uma hora e meia — informou com certa estranheza.

Ela começava a temer a curiosidade daquele sujeito, cujas mãos não via, mas imaginava com unhas sujas de graxa.

— Eu sei. Mas prefiro esperar aqui.

O chefe da estação olhou para Andrés sem expressão. Perguntou-se o que fazia ali uma mulher com um filho de dez anos esperando um trem que ainda demoraria a chegar. Concluiu que devia ser mais uma das loucas que a guerra desenterrava. Devia ter sua história, como todos, mas não tinha interesse em ouvi-la.

Muito embora fosse sempre mais fácil consolar uma mulher de pernas bonitas.

— Se quiser um café — disse, utilizando desta vez o ronronado de um gato grande para falar —, posso lhe oferecer um, ali na minha sala. Um bom café torrado, nada dessa porcaria que servem na lanchonete.

Isabel declinou. O chefe da estação se afastou, mas ela teve a sensação de que se virava algumas vezes para examiná-la. Fingindo uma tranquilidade que estava longe de sentir, pegou sua bolsinha de viagem.

— Vamos entrar. Se não, você pega um resfriado — disse ao filho.

Na sala de espera, pelo menos os pulmões não doíam ao respirar. Procuraram um lugar para sentar. Ela deixou o chapéu no banco e acendeu um cigarro, ajustou-o na piteira e aspirou a fumaça adocicada. Seu filho ficava extasiado vendo-a fumar. Nunca mais voltaria a ver outra mulher fazê-lo com aquela elegância.

Isabel abriu a mala de viagem e pegou um dos seus caderninhos de capa envernizada. De entre as páginas caiu o papel em que o professor Marcelo havia anotado as coordenadas da sua casa em Lisboa.

Não pensava em esconder-se lá por muito tempo, apenas o necessário até conseguir uma passagem em algum cargueiro que pudesse levá-los, a ela e Andrés, para a Inglaterra. Sentiu pena do professor. Sabia que, se Guillermo ou Publio descobrissem que Marcelo a ajudara a fugir, ele passaria por maus bocados. Em certo sentido, sentia-se culpada: não tinha dito toda a verdade, só o que precisava para convencê-lo, coisa que não havia sido difícil, aliás. A mentira era um recurso necessário nesses momentos. Sempre soubera que Marcelo estava apaixonado por ela e não tinha

sido difícil usar isso a seu favor, inclusive quando deixou claro ao professor que seus sentimentos não iam além da amizade.

— É melhor ter sua amizade do que não ter nada — ele lhe dissera, com aquele ar de poeta pobre que os professores rurais têm.

Isabel guardou as coordenadas e pôs-se a escrever. Mas estava nervosa. Premida pelo tempo, irritada com seus sentidos, que lhe falhavam no momento em que mais precisava deles, escrevia sem a consciência estética e a paixão costumeira, guiando a escrita pelo papel com o indicador, afastando a cinza do cigarro que havia caído entre as páginas. Deveria ter escrito a Fernando na noite anterior, mas temia a reação de seu filho mais velho; em certas coisas, ele era igual ao pai. Sabia que não ia entender por que ela estava fugindo e temia que tentasse impedi-la, então decidiu escrever para ele quando já estivesse suficientemente longe:

Querido filho Fernando,

Quando esta carta chegar, já devo estar bem longe com seu irmão. Para uma mãe não há dor maior do que abandonar aquele a quem deu à luz com dor e felicidade; você pode entender como estou triste, e essa tristeza aumenta quando penso que afasto Andrés no momento em que ele mais precisa de você; sabe tão bem quanto eu que ele é um menino especial, que necessita da nossa ajuda, e que te admira e te ouve. Só você é capaz de acalmar seus ataques de raiva e obrigá-lo a tomar seus remédios. Mas, como não posso ficar naquela casa, na casa do seu pai, depois do que aconteceu, tenho de fugir.

Sei que agora você me odeia. Vai ouvir coisas horríveis a meu respeito. São todas verdadeiras, não vou mentir. Pode ser que agora não entenda por que fiz isso, e pode ser que nunca compreenda. A não ser que um dia se apaixone perdidamente e seja traído por esse amor. Você vai me chamar de cínica se eu disser que, quan-

do me casei com seu pai, dezenove anos atrás, a idade que você tem, eu o amava tanto quanto amo vocês. Sim, Fernando, eu o amava com a mesma intensidade com a qual vim depois a odiá-lo e amar outra pessoa. Esse ódio me cegou tanto que não me dei conta do que acontecia ao meu redor.

Não fujo por amor, filho. Esse sentimento morreu para sempre no meu coração. Se continuo vivendo, é porque Andrés precisa de mim a seu lado. Não quero me justificar, minha tolice não tem perdão. Pus todos vocês em perigo, e muita gente vai sofrer por minha ingenuidade; por isso não posso deixar que seu pai ou aquele sabujo dele, Publio, me peguem. Você já é um homem, pode tomar suas próprias decisões e seguir seu caminho. Não precisa mais de mim. Só espero que um dia, quando o tempo passar, possa me perdoar e entender que por amor também se pode cometer as piores atrocidades. Um dia, se tiver serenidade suficiente, descobrirá a verdade.

Sua mãe, que sempre te amará, aconteça o que acontecer,

Isabel

Alguém a observava. Não era o chefe da estação. Ouviu os passos ecoando no chão, aproximando-se. Passos de ritmo regular. Pesados. Isabel ergueu a cabeça. Diante dela se deteve um homem corpulento, com as pernas separadas.

— Olá, Isabel — a voz era descontínua, uma voz que logo ia perder a casca para nascer de novo.

Isabel levantou o olhar. Examinou com uma dor infinita aquele rosto tão conhecido, aqueles olhos outrora cheios de promessas que agora a escrutavam, insondáveis. Muito a contragosto, sentiu ainda em suas entranhas o eco dos estremecimentos passados em sua cama. Por um décimo de segundo, ficou hipnotizada por aquelas mãos grossas acostumadas ao trabalho duro, que a tinham erguido até o céu, para deixá-la cair agora no inferno.

— Quer dizer que, no fim das contas, vai ser você.

Evidentemente, o chefe da estação a tinha delatado. Não podia censurá-lo. Nos tempos que corriam, de patriotismo espiçado pelo medo, todo mundo competia para aparecer como o mais fiel servidor do novo regime.

Percebeu o movimento hesitante do homem e seu sorriso de Mefistófeles, o amargo, obscuro e, no entanto, atraente príncipe do nada.

— Melhor eu do que Publio ou algum outro cão do seu marido.

Isabel fez uma careta. Sentia tanta tristeza que mal podia conter as lágrimas.

— E o que é você, senão o pior dos cães de Guillermo? O mais traiçoeiro.

— Minha lealdade é diáfana, Isabel. Não pertence a você, nem mesmo ao seu marido. Pertence ao Estado.

Isabel sentiu um aperto no peito. Era terrivelmente doloroso ouvir coisas assim serem ditas pelo homem com o qual tinha dormido todas as noites por quase um ano, o homem a quem dera tudo, absolutamente tudo, até a própria vida, porque era só dessa maneira que ela entendia o amor. E ele a trocava agora por uma palavra, por algo tão abstrato quanto inútil: o Estado.

Lembrava-se das noites juntos, quando suas mãos se procuravam no escuro e suas bocas se encontravam, como a água e a sede. Aquelas noites furtadas ao sono, fugazes e prenhes do medo da descoberta, haviam sido as mais intensas, as mais felizes da sua vida. Tudo era possível, nada era proibido nos braços daquele homem que lhe prometeu um mundo melhor. Mas não podia mais lamentar seu erro. Outros antes dela sofreram o desamor e muitos outros veriam depois dela suas ilusões desfeitas. O que acontecia com Isabel já acontecera, e aconteceria sempre. Mas

a traição era tão grande, tão vasta a destruição que seu coração havia sofrido, que lhe custava aceitar essa ideia.

— Esse tempo todo você me usou para conquistar a confiança dos outros. Você tinha tudo preparado, sabia que eu era a mais acessível e serviu-se de mim sem remorsos.

O homem examinou Isabel com frieza.

— É curioso que seja você a me falar de moral e de remorsos. Logo você, que andou alimentando e protegendo os que queriam assassinar seu marido.

Subitamente, Isabel pegou o homem pelo braço com um gesto tão violento quanto frágil.

— Foi você que teve a ideia do atentado e que fez os preparativos. Foi você que levou aqueles pobres rapazes para o matadouro. Você armou uma cilada para nós.

Ele se soltou com um movimento seco.

— Só acelerei os acontecimentos. Mais cedo ou mais tarde eles teriam tentado algo parecido, e o melhor era que eu controlasse como e quando para minimizar os possíveis estragos.

O semblante de Isabel se desfazia por momentos, como uma ridícula máscara de cera ao sol. Aquilo tudo era penoso demais para ela, a falta de sentimentos daquele homem, a certeza de acreditar que não tinha agido mal.

— E o mal que você fez a mim, como vai minimizá-lo?

Ele cerrou as mandíbulas. Lembrava-se das mesmas noites que Isabel, mas seus sentimentos não eram plenos de beleza, e sim de remorso. Todas as noites, depois de fazer amor com aquela mulher, tinha se sentido miserável, mesmo quando ela o fitava cheia de gratidão e admiração. Tinha ouvido da sua boca o modo brutal e silencioso como seu marido a possuía, como se ela não fosse um ser humano; tinha ouvido dos outros conjurados do grupo as barbaridades que Publio e seus falangistas faziam quando encontravam algum vermelho escondido na casa de um ami-

go ou parente. E embora tudo isso mexesse com suas certezas, mesmo durante aquele longo ano de convívio com eles, chegou a sentir algo parecido com amor e amizade, mas nada daquilo podia ser levado em conta, porque o importante era cumprir a missão que lhe fora encarregada: dismantelar o grupo de conspiradores patrocinado pela própria sra. Mola. Não fosse ele, teria sido outro o encarregado de fazê-lo. Isabel nunca foi muito discreta, não sabia mentir, e, portanto, não era uma revolucionária. Apenas uma burguesa que odiava seu marido.

Fizera o que tinha de fazer, mas isso não aplacava o desprezo que sentia por si mesmo.

— Você devia ter se afastado a tempo daqueles intrigantes, Isabel.

— Você só pegou a mim. Quando soube quem você realmente era, avisei os outros. Já devem estar fora do seu alcance, do seu e do seu chefe.

O homem esboçou um sorriso condescendente.

— Você vai me dizer onde estão.

— Não vou.

— Garanto que sim, Isabel — vaticinou com voz funesta e, virando-se para Andrés, acrescentou: — Se deseja voltar a ver seu filho, claro.

O menino observava a cena sem entender o que acontecia. Sua face estava enrubescida pelo frio.

No vento que soprava chegou o som de um trem que se aproximava. O trem que ia para Lisboa. Vinha através da névoa o ruído das rodas nos trilhos, que pouco a pouco foi se apagando. Houve uma pausa e um apito, como o suspiro profundo de um corredor ao se deter depois de um grande esforço.

— Vamos, mãe, é o nosso trem — disse Andrés pegando a mãe pela mão e puxando-a, mas ela não saía do lugar nem desviava o olhar do homem.

Então ele se inclinou para o menino. Exibia um sorriso amplo e bondoso que feria Isabel até a alma.

— Houve uma mudança nos planos, Andrés. Sua mãe tem de fazer uma viagem, mas você vai voltar para casa. Seu pai está esperando você.

O menino olhou confuso para aquele desconhecido, depois desviou o olhar para sua mãe, que o fitava angustiada.

— Não quero voltar para casa. Quero ir com a minha mãe.

— Isso não vai ser possível. Mas parece que seu pai tem uma grande surpresa para você... Uma catana japonesa de verdade!

Como se aparecesse de repente uma clareira no bosque, o rosto do menino se iluminou. Andrés ficou mudo de assombro.

— Está falando sério?

— Seríssimo — garantiu o homem. — Eu não me atreveria a mentir para um samurai.

O rosto de Andrés se encheu de orgulho.

Foram andando até o carro, na entrada da estação. Andrés enterrava os pés na neve dando pulos em sua corrida para chegar antes de todos em casa, gritando de alegria. Isabel arrastava os seus, seguida de perto pelo homem, que não tirava os olhos dela.

— O que vai acontecer com meu filho? — perguntou de repente, antes de entrar no carro.

— Vai ser um menino feliz, que crescerá lembrando como sua mãe era bonita... Ou um pobre demente trancado o resto da vida num manicômio horrível. Depende de você.

O carro se afastou da estação com um barulho surdo e lento, sob um céu envolto em celofane. No banco de trás, Isabel apertou Andrés com força, como se quisesse enfiá-lo de volta nas suas entranhas para protegê-lo. Mas o menino se soltou do seu abraço com um gesto egoísta, pedindo àquele homem que fosse mais depressa... Mais depressa. Enfim ia ter uma verdadeira catana.